

A LUÍZA DO SELEIRO

A Juvenal Lamartine

Não faça caso da cruz:
Tire o chapéu — vá passando!
CASTELLO BRANCO: *Lyra Sertaneja*.

PAREI O CAVALO no topo esmoitado do serro e debrucei-me para diante, por cima das crinas, a olhar.

Vasto, dourado à luz do meio dia, lá embaixo, o vale do Ara-coiaba era de uma beleza forte e impressionadora de paisagem sertaneja. Ao fundo barravam-lhe a perspectiva, altas, abruptas, as serras do Baturité e do Acarape, onde emergiam da verdura brancos talhados de granito, faiscando ao sol. Deles a vista se apartava dorida a descansar em raros pontos, tanto a glória luminosa do dia enchia tudo. Sob ela cintilavam os penhascos, incendiam-se as micas, palhetavam-se de tons flavos as águas paradas de uma lagoa, ao longe. Aqui e ali uma grande árvore derramava sombra numa fachada clara de casa matuta ou espargia frescura sobre um quinta-lejo benfeitorizado.

Pelo recosto do serro descia em ondulações de veludo novo uma capoeira densa, muito verde, de fetos, de marmeleiros e de ameixieiras bravas. Por tudo e em tudo, do alto azul do céu à calma horizontal das águas empoçadas, do dorso corcoveado dos montes às extensões lisas da planície, sorria farta, orgulhosa, a pompa régia do inverno. A terra tinha um nobre e calmo aspecto de abundância; o céu, um claro riso de bondade e proteção. Da mata verde surgiam cá e lá manchas policrômicas. Eram as flores selvagens do sertão, brotando por toda a parte, encostas de serrotes à riba, plainos e várzeas em fora. Jitiranas roxas pendiam da ponta de longas guitas¹⁷ vegetais; paus d'arco amarelos de flores enfeitavam as catingas maciças; algodoeiros floriam nos baixos; pendões multicores de pacaviras ondeavam à beira das águas mansas; e os pega-roupas esgalhados toucavam-se de frunchéis macios e alvos, abrindo os braços ao longo dos caminhos.

¹⁷ Barbante fino. Por extensão, G.B. empregou a palavra na acepção de cipós.

Aprumava-se adiante uma rude escarpa de gnaisse e granito, alternando-se, com lascões negros a zigzegaguear a esmo e touceiras espiculantes de cardos, rompendo das frinchas e equilibrando-se nas arestas. Mais para baixo uma grande depressão afundava o vale, que se aplainava depois e fugia da vista, verde e rico, recortado de barreiras avermelhadas e de estradas de sílica branca, até os contrafortes de uma pedra fina e alta como um obelisco monstruoso, a Pedra Aguda, que se avistava naquela ribeira toda e de cujas faces, como coroas votivas, pendiam enrodilhamentos brutos de lianas, mascarando as sujas inscrições do escorrer das chuvas.

Raros telhados de fazendas e colmados de choças avistavam-se balizando os carrascais reverdecidos. Poucas eram as cercas altas de roçados, menos ainda as terras lavradas para as sementeiras.

Havia chovido dois dias atrás. O Aracoiaba corria prateado e lento pelo meio do vale, escondendo-se mais adiante, numa volta brusca, entre colinas, surgindo além num cotovelo súbito, entre troncos de árvores. Pelas suas margens, de espaço a espaço, um montão de lama recoberta de galhadas relembra os estragos da cheia fertilizante e brava, que, escachoando nos pendores do Baturité, derramara-se após pela planície, como um louco tropel de touros, a devastar os vargedos amenos e tristes do sussurro perene dos carnaubais.

Ao nascente, pelo céu, passavam com vagar frocos brancos de nuvens.

Escarpas sucediam-se a escarpas, fugindo muito ao longe, no saudoso esmaecer das serras distantes.

Dos matos vinham cantos altos de pássaros, tinidos de chochalhos, marulhos de ribeiros, cantos de lavadeiras. E de todo o campo se desprendia um bafio quente de alqueives¹⁸ ao sol.

Junto a mim, dentre pedras amontoadas, erguia-se uma cruz de madeira tosca, com veias escuras da água do inverno e gretas escanceladas do calor ardente da seca, abrindo no espaço, os grandes braços tristes e sós de onde pendiam flores emurhecidas.

Descobri-me ante a piedosa idéia que a pusera ali, pois decerto só relembra dores e só recordava desgraças: ou mostrava o lugar onde se cometera um crime, ou designava o último leito dum infeliz, vitimado por um ataque inesperado de moléstia fatal.

Desci o serro. Ao surgir embaixo, numa clareira onde um riacho grulhava entre pedras, assustei um bando de lavadeiras. Pararam surpresas o trabalho, compondo as roupas encharcadas, aconchegando as rendas das camisas numa ânsia de ocultar os seios inquietos.

¹⁸ Terreno tratado em sulcos para próximo plantio.

Umas lançaram um pano sobre os ombros, coradas, com pressa. Outras ficaram quietas, cabeças baixas, olhando as moedas de luz que por entre as ramas o sol derramava nágua, ou bolhas irisadas de sabão vogando leves ao sabor da corrente.

— Boa tarde.

Todas responderam baixo:

— Boa tarde.

Mergulhei calado novamente na sombra do mato. O meu arrieiro vinha atrás. Durante algum tempo ouvi somente os passos surdos dos cascos enlameados do seu cavalo, batendo a terra dura.

Depois encheu o ar a cantiga melancólica das lavadeiras.

Passarinho está cantando
Para alívio de quem chora.
Se canta p'ra consolar-me,
Passarinho, vai-te embora!

Este amor que te devoto
É tão puro e verdadeiro,
Que já estou sofrendo tanto
Como a Luíza do Seleiro.

No canto triste, abafado já pela distância e pelo mato, andava todo o desalento e o desânimo todo do troveiro matuto que o compusera. A sua tristeza fez-me pender a cabeça: e ao trote vagaroso do animal e ao morno perfume do mato deserto e banhado de sol, quedei-me a cismar.

Mas o Elpídio, emparelhando o seu cavalo, com o meu, perguntou-me:

— Vosmincê sabe essa história da Luíza do Seleiro?

— Não. Conta lá.

Em todo aquele sertão da Pedra Aguda não havia moça alguma que tivesse olhos rasgados e negros como os da Luíza, pele macia e aveludada como a sua, tanta graça de linha e de atitude, tanta languidez de gestos e andar que mais enchesse a gente de desejos imperiosos. Os grumos¹⁹ vermelhos dos seus lábios, com um branquinho de dentes quando se abriam em risos, estonteavam os rapazes, de amor. Ao dançar o baião lembrava requebros de bailadeiras e fascinações lascivas de dançarinas egípcias.

Em alvoroço por ela andava a rapaziada da ribeira. Era de ver quem se casaria com a Luíza. Cada qual mais se esmerava em fazer-se o preferido.

¹⁹ Prova de eruditismo. Grumo significa *pasta*, reunião densa de grânulos. O emprego visou a dar idéia da intensidade do rubro dos lábios.

Pela tarde, ia ao córrego, buscar água. Voltava quando o vermelho do ocaso se abrandava e desmerecia num roxo cada vez mais terno. Os moços corriam, impacientes e tímidos, esperá-la à passagem. Os corações pulsavam-lhes tão fortemente que, escutando, ouviam-lhes o bater.

Uns vinham de longe, duas, três léguas ao galope incansável dos árdegos cavalos de campo. Na estrada espalhavam-se as sombras que não podiam mais caber na floresta. Ela aparecia com o pote d'água à cabeça, às vezes cantarolando. Ao balanço do andar caíam-lhe gotas sobre os ombros; algumas aljofravam-lhe o rosto; outras empastavam-lhe os cabelos nas fontes. Pelos raros rasgões do vestido de chita apareciam pedaços morenos de pele aveludada, e sob o corpete molhado sentia-se a saliência dos seios virgens, retos e pequeninos.

Em cada volta da estrada, numa posição fingida de encontro fortuito, topava um sertanejo. Davam-se boa-tarde. E ela passava ligeira e séria, com um mover sensual dos quadris abundantes.

Os seus pretendentes eram em grande número. Tantos que nem podia escolher um. Ademais, com aquela rapaziada que se enciumava facilmente, cujas paixões selvagens não conheciam limites, essa escolha era até certo ponto perigosa.

Num baile, em casa do João Bernardo, por ter o Francisco da Marcelina, que era guenzo²⁰ e sarará, dançado duas ou três vezes com ela, alguém apagara as candeias com cacetadas. "Fechara-se o tempo". Saíram os homens aos novelos pelo terreiro claro. Então à palidez do luar, brilharam facas, reluziram finas parnaíbas de arasto. Um ficou logo ali estirado e frio. Outros foram para casa curar as feridas. Tão sério foi o conflito que o subdelegado de Vazantes montara a cavalo e percorrera a ribeira, buscando os criminosos e as testemunhas. Mas não achou nem uns, nem outros.

O pai da Luíza era o Simeão Seleiro, já velho e doente dos olhos, que vivia a mourejar sobre as caronas que bordava, os ginetes velhos que compunha, as cangalhas que empalhava e as selas pesadas, onde cosia suadouros, pespontava abas e afivelava cilhas de sola da terra, brunida à cera de carnaúba. Era viúvo. Nunca cobiçara outra mulher e só tinha na sua triste vida a alegria dos olhos de sua filha.

Quando algum vaqueiro ou plantador da vizinhança, apeado no seu alpendre largo, sorvendo café aos goles vagarosos ou enrolando o cigarro grosso, de palha de milho, a vista pousada no barro socado do terreiro, falava em casar com a Luíza, ele entristecia. Via

²⁰ A palavra, hoje, quase desusada, era muito usada pelo povo, no sentido de magro, torto, defeituoso da espinha.

então que aquele desenlace viria mais cedo ou mais tarde. Era adiável, porém fatal. Dava um suspiro fundo, magoado. Puxava depois uma fumaçada do cachimbo. E dizia com um tom resignado:

— Por mim, está feito. Você é um moço bom, trabalhador. Agora procure ela.

Nessa escolha todos naufragavam. Ela não aceitava nenhum. Antes aborrecia-os todos. Achava-os iguais nos gestos e nas palavras, nos pensamentos e nas ações. Nenhum lhe aparecia com um traço de originalidade. Vestiam da mesma forma, cantavam no mesmo tom, dançavam da mesma maneira, diziam as mesmas estórias. Eram sensaborões e ridículos. Não os suportava. O seu espírito, por uma predisposição natural, herdada ou própria, comprazia-se em idear uma figura forte e descomum de macho. Queria um que se não parecesse com os outros, que fosse mais valente, ou mais inteligente, ou mesmo mais ruim do que aqueles que ela conhecia.

Um dia esse tipo que sonhava lhe apareceu na figura varonil do Estêvão Nunes, filho de um fazendeiro rico dali perto, possuidor de gado solto, do riacho do Caxingó aos fundões frescos do Capivari. Era um rapaz bonito e forte, bem-posto e com maneiras polidas que aprendera na cidade do Forte,²¹ no colégio. Enfeitiçou-se por ele, e para ele daí em diante convergiram todos os seus pensamentos, numa obsessão amorosa que nem ela própria compreendia.

Conversava com ele no caminho da levada, às escondidas. E as más línguas de umas solteironas, as Malaquias, que viviam de tecer rendas e bordar labirintos numa casinha branca, ao pé do morro, assoalhavam pela redondeza nos dias de adjunto ou de sambas e novenas que alta noite o Estêvão vinha bater sorrateiro à janela do oitão da casa do seleiro. Deixava o pedrês impaciente atrás do chiqueiro, amarrado à cerca, e atravessava as moitas, cauteloso, de faca nua na mão. A janela abria-se. Ele pulava para dentro da casa. E até de madrugada se ouvia o pedrês inquieto, saudoso da capoeira, com o frio do sereno, bater duramente com as patas e bufar de minuto a minuto, sacudindo os freios.

Rapazes enciumados foram esperá-lo. Vaqueiros audazes puseram-lhe tocaias. Mas ao apear-se do cavalo e tirar a longa faca do cinto com uma circunspecção cautelosa, respirando vagarosamente ao lento arfar do peito membrudo, escondiam-se na espera, temendo enfrentá-lo. Seria amanhã; e amanhã adiavam para outro dia.

Uma noite o Batista do Olho d'Água, numa resolução esporeada pelas lisonjas dos outros à sua fereza, avançou por trás do Estêvão,

²¹ Assim era denominada, até princípios do século passado, sobretudo pelas populações sertanejas, Fortaleza, a capital do Ceará.

para apunhalá-lo nas cruzes.²² Era um golpe que não falhava, sabia-o bem. Mas um pé falseou numa arrieira resvaladia. Perdeu o prumo e pisou com força um galho seco. Ao ruído o Estêvão voltou-se, viu o outro. Avançou para ele. A luta foi breve e surda. Ao outro dia o Batista andava de braço na tipóia: e quando lhe perguntavam o que fora, respondia com maus modos — que caíra do cavalo, vaquejando na catinga.

Ninguém mais se atreveu a tirar uma desforra. Entanto muitos não dormiam e rolavam nas redes até o galo cantar, com visões de ciúme e anseios amorosos que os torturavam terrivelmente.

Menos dormia a Luíza. Levava o dia a pensar em encontrá-lo. Enchia a casa pequena e clara do rumor alegre das cantigas. Outras vezes ficava à janela, olhando a estrada, a sorrir e a cismar. O seu temperamento de mestiça com as tendências sensuais de duas raças lascivas não se fartava do homem querido. Cada vez o desejava mais. Se ele a abandonasse, sentia que havia de morrer, porque não teria mais a alimentá-la a embriaguez dos beijos infindáveis e as loucuras dos abraços veementes. Toda a sua carne estava de desejos, toda a sua opulência sensual ansiava de gozo.

Ao sentir o seu passo na areia do caminho ou as pancadas discretas nas umburanas da janela, vibrava toda. Corria a abri-la e ficava muda, braços pendidos, na lividez do luar que se espraiava pelo quarto pobre, trazendo o perfume dos vastos campos adormecidos. Depois era um aniquilamento da vontade e um apagamento completo dos sentidos nos braços dele, numa sensualidade toda feita de languidez, de abandono e de preguiça.

Com a primeira claridade triste da manhã, ele ia embora. Ficava esquecida à janela. Os passarinhos cantavam nas biqueiras dos casais e nas moitas densas. Longe, nas bebidas, juritis gemiam. O tropel do pedrês apagava-se com a distância. Mas parecia-lhe que ele continuava ainda. Aplicava o ouvido. Somente a levada cantava lentamente entre as pedras. . .

De manhã tinha olheiras roxas. Queixava-se de dor de cabeça. A sua paixão já não conhecia limites nem temia cousa alguma. O seu rosto apregoava alto as suas noites de amor. O seu corpo quebrado e lânguido contava os segredos de sua alcova. Todo mundo falava dela na ribeira. Sabia e pouco se incomodava. Tinham-se desvanecido todos os seus receios de virgem e o seu pudor de donzela. Agora era ela quem procurava Estêvão, quem insistia para que fosse à casa mais a miúdo. Por vezes tinha vontade de bradar às outras, com orgulho: é meu! é meu! é meu! Até uma vez arran-

²² Ainda hoje é muito popular nos sertões a expressão "cruzes" para significar a região entre as espáduas.

cara-o numa contradança, em pleno terreiro do Virgolino da Venda, dos braços finos duma filha do João Mulato.

Ao passar pela porta das Malaquias, as solteironas resmungavam com uma pontinha de inveja:

— Que sem-vergonha! Que devassa!

O Seleiro, que não ia a festas nem a feiras e com poucos conversava, de nada sabia. Ao pai do Estêvão, porém, uma das Malaquias fora de propósito contar tudo, pedindo segredo sobre a delação. Temendo uma inclinação forte do filho pela cabocla, o velho fazendeiro enviou-o para a capital.

Para o Estêvão a Luíza era somente uma mulher que se goza e que se deixa, nada mais e nada menos. Já andava até enfadado dela. Foi alegre que montou a cavalo e mais alegre que entrou no trem, na estação de Água Verde. Ora, Fortaleza era sempre melhor que a Pedra Aguda.

A Luíza entristeceu. Murcharam-lhe as cores da face e os traços fisionômicos descaíram numa expressão triste de sofrimento. Era seu martírio dia e noite a recordação constante da felicidade passada. Queria cantar, queria trabalhar. Vinha-lhe um nó à garganta, o seu olhar parava sem brilho, quase morto, a evocar as visões esmaecidas no cérebro. Parecia que se voltava para dentro naquele esforço paciente de memória.

E as lembranças vinham uma a uma. Era o baile do Matias Florindo, noite de São João, no Criancó. Ele a olhava, encostado à ombreira da porta, com um olhar tão negro e persistente que lhe acordava na alma uns desejos que desconhecia e uns anseios que nunca sentira. Depois foram as valsas loucamente revolutedas, ao som gritante das harmônicas, quando ele a apertava com tanta força, que sentira — lembrava-se bem — um dos botões de osso do seu casaco de brim claro machucar-lhe o seio. Tão intensa era a força de rememorar que levava súbito a mão ao peito na completa ilusão de ainda sentir aquela pressão dolorosa...

Vinha-lhe uma grande saudade e a insuportável impaciência de não poder reviver os dias idos. Desatava bruscamente a chorar alto, forte, de borco na rede, o corpo sacudido em estremeções. O pai acorria. Encontrava-a desgrenhada, olhos vermelhos. Pretextava dores súbitas, lancinantes, do fígado. Ele vexava-se, animava-a, dava-lhe tisanas de jurubeba amarga, que ela bebia de um trago, numa careta, para contentá-lo.

Muita vez o Manduca Catolé vinha tomar o seu café na latada do Seleiro, com o propósito firme de contar ao velho amigo tudo o que sabia. Traziam-lhe a xícara grossa, de louça esmaltada, as mãos transparentes e finas de Luíza. Os seus olhos emoldurados em roxo pousavam-se nele, com tristeza. O velho Manduca baixa-

va a cabeça. Depois que ela saía, o Seleiro dizia na sua voz resignada e suave, cheio de confiança, de sossego e de fé:

— Não sei o que ela tem, compadre. Queixa-se do fígado. De vez em quando dá-lhe uma dor. Chora que faz dó. Já tem bebido uma porção de jurubeba. É mesmo que nada. A doença quando entra na pele dum cristão, custa a sair. Felizmente ela é moça. Isso passa. Passa — que ela não há de ficar assim para toda a vida.

Mas logo uma dúvida o assaltava:

— Fale, compadre? Diga o que você acha? Porque se ela morrer eu não resisto!

E vinham-lhe as lágrimas aos olhos, escorrendo depois pelas erosões da face enfermiça, amiserada e idosa.

Diante daquela dor, o Manduca despedia-se. Montava o baio ronco e largava estrada em fora, todo pendido para diante, tristemente.

Já nas várzeas, ao choro lento do carnaubal, diante do sol faiscante e alto, olhando os fumos das queimadas, longe, nas abas das serras, soltava para o ar quente do dia a vibração sonora e lassa duma quadra matuta:

Quem tiver moça bonita
Traga presa na corrente
Que eu também já tive a minha
Jacaré levou no dente. . .

De novo entrava no mato. De novo sombras o envolviam. Baixava a cabeça branca com um suspiro. E o baio, sentindo o desfalecimento do cavaleiro, ainda chouteava mais devagar.

A Luíza cada vez andava mais triste. Depois do sol posto, na curta e doce claridade do crepúsculo, ela dava um giro pelo campo. Seguia a estrada até o córrego ou subia o morro, e lá de cima olhava os tons da tarde que esmaeciam no vale, violetando os carrascais e os campos de plantio cheios de rugas. Nas várzeas passavam cílios de brisas e demorava no ar o arrulho gemente das pombas. Ficava pensativa ali, no alto, muito tempo. Depois tornava à casa, arrastando os passos. Quando passava em frente às Malaquias, elas murmuravam apiedadas, trocando os bilros.

Um dia não voltou do passeio. Procuraram-na com fochos, aos gritos, pela catanga espessa. Muito tarde, guiados pelo rasto, já apagado quase do pisar dos bichos, o Manduca e o pai acharam-na caída de costas, em cima do cerro, no mesmo lugar em que agora se levantava a cruz. Estava morta. Tinha os olhos abertos e muito enevoados.

Um ano depois o Estêvão casara na Canoa. Hoje em dia morava ali perto. Tinha uma fazenda e filhos. A mulher era rica. O Seleiro ainda arrastava a sua dor e a sua saudade pelo mundo.

Já os bordados de suas caronas saíam tremidos. Não havia muito tempo que um freguês lhe devolvera uns arreios completos. Ia ficando cego. Uma catarata pertinaz cobria-lhe aos poucos os olhos glaucos.

Arrimava-se a um jucá forte e pendia para o chão. Dera para devoto. Vivia balbuciando preces com os beiços moles.

Em torno, na mata viçosa, a passarada cantava alto. Gemiam águas num marulho preguiçoso. Uma grande frescura errava no ar. O vento trazia perfumes suaves de resinas. E na dormência daquela rara abundância sertaneja deixei cair uma pergunta:

— De que morreu a Luíza?

O pajem sorriu:

— O velho conta que foi de um ataque, mas o povo diz que ela morreu de amor.